

EDUARDO DE J. M. DO NASCIMENTO

A CAPELA IMPERIAL DE SÃO PAULO

SEPARATA DA
REVISTA DO ARQUIVO
N.º CLXXV

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO

26 738.0981

N 244C

e. 2 Sep. RAM v. 186

A CAPELA IMPERIAL DE SÃO PAULO



O Monumento à Independência dentro do qual está a Capela Imperial.

...no seu interior. Essas esculturas são as da Capela Imperial.

PROF. EDUARDO DE J. M. DO NASCIMENTO

**Chefe da Divisão do Arquivo Histórico da
Prefeitura do Município de S. Paulo**

Um dos mais belos e imponentes monumentos da Cidade é sem dúvida aquêlé erigido em comemoração à Independência do Brasil, no Ipiranga. Perpetuadas no bronze e no granito estão as figuras dos homens ilustres que acreditaram no ideal da emancipação brasileira. No alto, dois cavalos conduzem uma biga simbolizando a Independência. Grupos laterais reproduzem o regresso de D. Pedro a S. Paulo e a Batalha de Pirajá. Em alto relêvo, o Grito da Independência. Animais, em bronze, rodeiam o Monumento como que a vigiá-lo. Numa pira arde a chama imorredoura do amor à Pátria.

Desde a sua inauguração, a 7 de setembro de 1922, milhões de pessoas tem-no visitado, admirando-se de sua grandiosidade.

Porém, muitos ainda ignoram que essa bela obra arquitetônica é ôca e guarda no interior uma jóia de rara beleza: a Capela Imperial.

O INTERIOR DA CAPELA

No patamar do monumento há duas escadas, opostas, que conduzem ao seu interior. Essas escadas vão ter a dois corredores que se dirigem à entrada da Capela Imperial.

Para o visitante, aturdido pelos ruídos exasperantes da praça e da avenida, o ato de descer as escadas de granito, ganhando um dos corredores internos, iluminado veladamente por lanternas de bronze, já proporciona uma indizível sensação de fuga para um mundo de silêncio, esquecimento e meditação. Essa é a primeira experiência. A segunda é a impressão que a Capela proporciona: impressão que perdurará na memória por muito tempo.

As paredes da Capela são revestidas de granito verde escuro, polido, vindo de Ubatuba. Lembram grandes espelhos negros com uma luz suave a escorrer ao longo de suas superfícies.

No fundo, defronte ao visitante, situa-se o altar. Singelo, mas inspirador, sempre guarnecido por arranjos florais, com um crucifixo negro e dourado ao centro. Mais ao alto, na parede, em bronze, o brasão do Império. Belos castiçais prateados ladeiam o altar.

Do lado direito da Capela há um nicho onde se encontra o sarcófago da Imperatriz Dona Leopoldina. Seus despojos estão contidos ali. De granito verde-escuro, como as paredes, o sarcófago se apoia sobre quatro dragões estilizados, de bronze, que por sua vez estão sobre um soco revestido de granito. Uma réplica da corôa imperial sobre uma almofada de bronze encimam a tampa do sarcófago. Na face lateral, estão os escudos dos Habsburgos e do Brasil-Império ladeando a inscrição que contém o nome da Imperatriz e seus títulos:

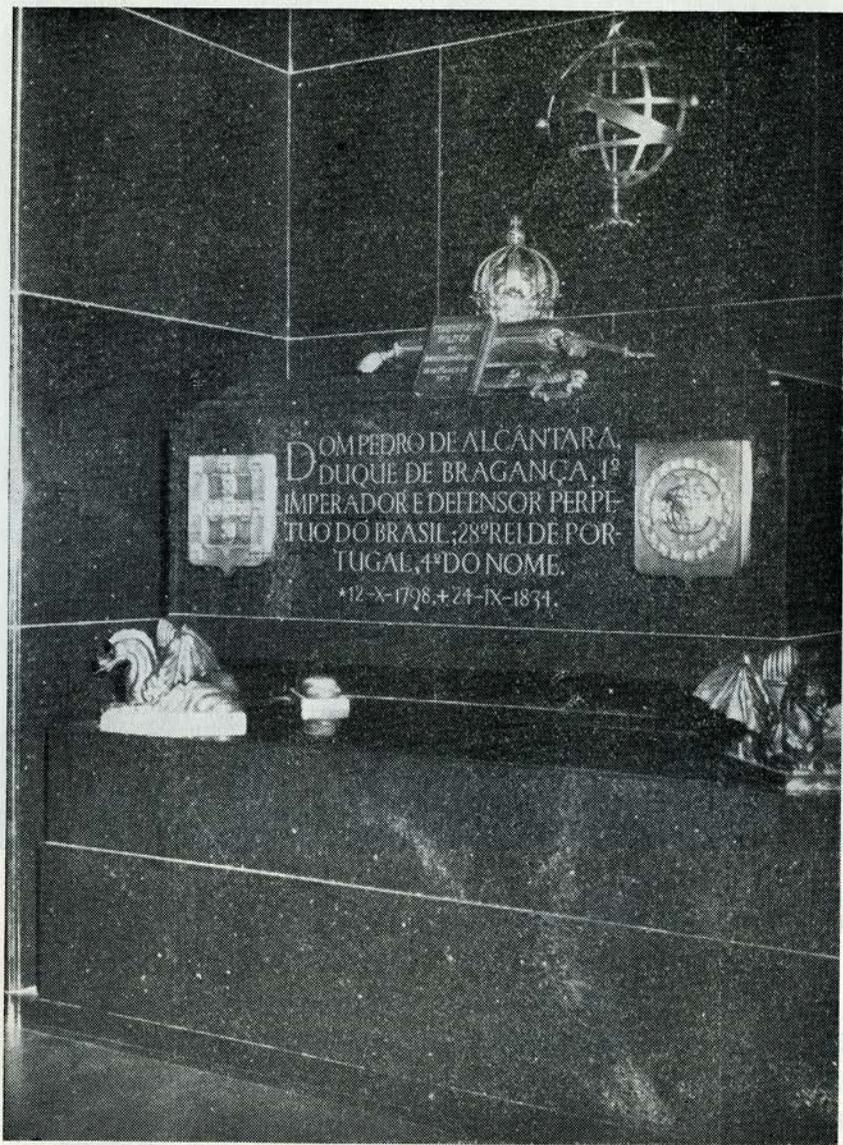
«DONA LEOPOLDINA JOSEFA CAROLINA,
Arquiduqueza da Áustria, 1.^ª Imperatriz do
Brasil — ★ 22-I-1797 — † 11-XII-1826»



Sarcófago onde repousam os despojos de nossa serena, inesquecível e muito amada Imperatriz, Dona Leopoldina, a madrinha de nossa Independência.

Do lado esquerdo há outro nicho com um sarcófago vazio. Destina-se a receber os despojos do Imperador D. Pedro I, quando Portugal concordar com a sua trasladação para o Brasil. De idêntico modelo ao da Imperatriz, o sarcófago do Imperador apresenta os escudos dos Braganças e do Brasil-Imério, ladeando a seguinte inscrição:

«DOM PEDRO DE ALCANTARA,
 Duque de Bragança, 1.º Imperador e Defensor
 Perpétuo do Brasil; 28.º Rei de Portugal,
 4.º do Nome — ★ 12-X-1798 — † 24-IX-1834»



Sarcófago de granito verde-escuro que um conterà os despojos de D. Pedro I. Sôbre a tampa, estão os fac-similes da primeira Constituição Brasileira de 1824, a Espada do Imperador e a Coroa.

Sobre a tampa há, além da réplica da corôa imperial, também réplicas da espada e da Constituição Política do Império do Brasil de 1824, tudo em bronze fundido no Liceu de Artes e Ofícios.

Nas paredes do fundo dos nichos, encontram-se as esferas armilares que evocam o áureo ciclo dos descobrimentos marítimos portugueses.

Na parede oposta ao altar, estão as armas da República, simbolizando que o passado e o presente se encontram, que os regimes políticos nada mais são do que momentos na vida das nações. Somente os homens podem durar para além de suas próprias vidas nas magníficas obras que realizam pela Pátria e pela Humanidade.

A ESTÓRIA DO CENOTÁFIO

Nos meados de 1951, começou-se a pensar num lugar que pudesse abrigar os despojos do nosso Imperador D. Pedro I, que deveriam vir de Portugal. O interior ôco do Monumento da Independência revelava-se ideal para a construção do Cenotáfio. Cenotáfio é uma palavra grega que significa túmulo vazio. E, enquanto não recebesse os despojos, a bela obra não seria mais do que um cenotáfio.

No dia 7 de setembro de 1952, realizou-se a inauguração. Entre as altas autoridades que estavam presentes, encontrava-se o Prefeito da Cidade, sr. Armando de Arruda Pereira e um membro da família imperial brasileira, D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança.

A cerimônia iniciou-se com o ateamento da chama simbólica na pira do Altar da Pátria. Sob a pira na qual flamejaria de ora em diante o símbolo ígneo do amor à Pátria, estava, no interior silencioso do soberbo Monumento à Independência, o magestoso Cenotáfio.

Era, entretanto, um túmulo vazio, à espera de seus heróis.

A TRASLADAÇÃO DOS DESPOJOS DA IMPERATRIZ

A Imperatriz dormia seu longo sono no convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, representado pelo Coronel Luiz Tenório de Brito, tomou as providências com relação à trasladação dos despojos para o Cenotáfio do Ipiranga.

No dia 10 de outubro de 1954, com a colaboração de tôdas autoridades militares, civis e eclesiásticas, chegava à Catedral da Sé, em São Paulo, o ataúde de grandes proporções com mais de 750 quilos de pêso.

Na Catedral, os despojos permaneceram até o dia 12. Uma guarda de honra de Cadetes da Fôrça Pública velava o ataúde exposto à visitação pública. Às 9 horas dêsse mesmo dia foi celebrada uma missa cantada em intenção da alma da Imperatriz. O oficiante foi o Cura da Sé, Monsenhor Aguinaldo Gonçalves. O protocolo do interior do templo ficou a cargo do Secretário de Educação e Cultura, da Prefeitura, Professor Valério Giuli. Tôdas as autoridades estavam ali presentes. Também os membros da Família Real. O povo se comprimia na Praça da Sé numa demonstração eloquente de carinho à nossa primeira Imperatriz, a quem o historiador paulista Tito Lívio Ferreira chamou de «a madrinha da nossa Independência».

Depois, em longo cortejo, dirigiu-se o carro que conduzia o ataúde ao Cenotáfio do Ipiranga. Um piquete de cavalaria o acompanhava.

Ao chegar ao Monumento da Independência, recebeu as honras militares prestadas pelo Batalhão de Guardas da Fôrça Pública. Esquadrilhas da Fôrça Aérea Brasileira sobrevoavam o local histórico. Ao longo das escadas do Monumento distribuíam-se as autoridades. E o povo saudava a sua soberana de outro tempo.

Vinte e um tiros de canhão reboaram pelos céus da colina histórica. A seguir, um longo toque de silêncio. O ataúde baixava ao Cenotáfio, que então se convertia em Panteão. A Imperatriz repousaria de ora em diante no suntuoso túmulo verde-escuro, no âmago do Monumento à Independência. Aguardaria, com aquela mesma serenidade que lhe caracterizava a vida, a chegada de seu espôso, o Imperador D. Pedro I.

O CENOTÁFIO SE TRANSFORMA NA CAPELA IMPERIAL

O Prefeito Ademar de Barros, pelo Decreto n.º 4.420, de 19 de outubro de 1959, transformou o Cenotáfio do Ipiranga em Capela Imperial de São Paulo. Na justificativa que apresentava dizia o Sr. Prefeito: «considerando que a primeira Imperatriz do Brasil, Dona Maria Leopoldina, espôsa de D. Pedro I, em vida se destacou pela sua bondade e por sua inteligência, tendo sido idolatrada pela côrte e pelo povo; conside-

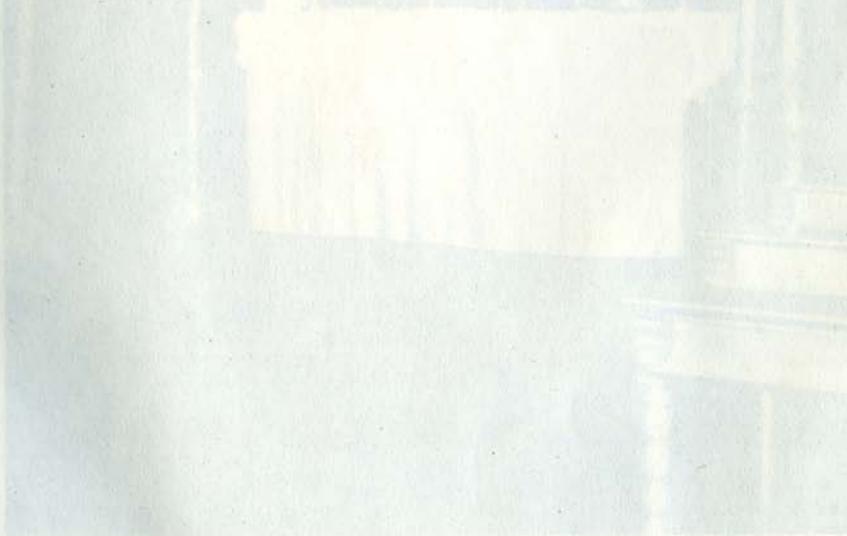
rando que Sua Alteza acompanhava com vivo interêsse a evolução política nacional, influindo nos seus episódios com o advento da Independência, considerando que os restos mortais da Imperatriz D. Maria Leopoldina se encontram depositados no Cenotáfio do Ipiranga, decreta:

— Fica denominado Capela Imperial de São Paulo o atual Cenotáfio do Ipiranga».

Atualmente, grande parte das cerimônias cívico-religiosas que dizem respeito à Cidade de São Paulo e à Nação Brasileira são realizadas na Capela Imperial.

Essa bela obra arquitetônica está subordinada à Divisão do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura da Prefeitura, estando aberta ao público das 13 às 17 horas, diariamente, com excessão das segundas-feiras.

É digna de ser visitada, pois nunca mais será esquecida. Na realidade, um sentimento de paz tão profunda invade o visitante que êle não se anima a sair para o mundo agitado que existe lá fora. A Capela se torna assim um lugar de refúgio e inspiração.



Altera da Capela Imperial, tomada por um dos lados. No fundo, o
Brazão do Império.



Altar da Capela Imperial, ladeado por magníficos castiçais. Na parede, o Brazão do Império.

